

# ISAAC ASIMOV

## O CAIR DA NOITE



# **O CAIR DA NOITE**

**Isaac Asimov**

# AO LEITOR

Kalgash é um mundo alienígena e não é nossa intenção levá-lo a pensar que se trata de um mundo idêntico à Terra, mesmo que as pessoas sejam retratadas falando uma língua que você pode compreender e usando termos que lhe são familiares. Essas palavras devem ser consideradas como meros equivalentes de termos alienígenas, isto é, como um conjunto de termos equivalentes semelhante ao que um autor utiliza quando mostra dois personagens estrangeiros conversando entre si em sua própria língua, mas transcreve o diálogo para a língua do leitor. Assim, quando os habitantes de Kalgash falam de "quilômetros", de "mãos", de "automóveis" e de "computadores", estão se referindo às suas próprias unidades de distância, aos seus próprios órgãos de manipulação, aos seus próprios veículos de transporte, às suas próprias máquinas de processamento de dados, e assim por diante. Os computadores usados em Kalgash não são necessariamente compatíveis com os que são usados em Nova York, Londres ou Estocolmo, e o "quilômetro" que usamos neste livro não é necessariamente a unidade do nosso sistema métrico. Entretanto, pareceu-nos mais simples e desejável usar esses termos familiares para descrever acontecimentos neste mundo alienígena do que inventar uma longa série de expressões exclusivamente kalgashianas.

Em outras palavras, poderíamos dizer que um dos personagens parou para amarrar seus quonglishes antes de começar um passeio de sete vorks pela gleebish principal da sua znoob natal, e nossa descrição teria um ar extremamente alienígena. Seria, porém, muito mais difícil compreender o que estávamos tentando relatar, e isto não nos pareceu interessante. A essência desta história não está no número de expressões exóticas que poderíamos ter inventado e, sim, nas reações de um grupo de pessoas parecidas conosco, vivendo em um mundo parecido com o nosso, a não ser por um detalhe muito significativo, que faz com que tenham que lidar com uma situação que nunca ocorreu na Terra. Nas circunstâncias, achamos melhor informar ao leitor que alguém parou para amarrar as botas antes de começar um passeio de sete quilômetros do que carregar o texto com quonglishes, vorks e gleebishes.

Se preferir, o leitor pode imaginar que no texto está escrito "vorks" em vez de "quilômetros", "gliizbiiz" em vez de "horas" e "sleshtraps" em vez de

---

"olhos". Ou pode inventar seus próprios termos. Vorks ou quilômetros, não faz a menor diferença quando as Estrelas desaparecem.

*Se as estrelas aparecessem apenas por uma noite a cada mil anos, como os homens haveriam de crer e adorar, e preservar por muitas gerações a lembrança da cidade de Deus!*

*Outro mundo! Não existe outro mundo! Toda a realidade está aqui ou em lugar nenhum.*

*EMERSON*

# CREPÚSCULO

Era uma deslumbrante tarde de quatro sóis. O grande e dourado Onos ia alto no céu, a oeste, e o pequeno e vermelho Dovim despontava rápido no horizonte, abaixo dele.

No lado oposto, os pontos brancos de Trey e Patru se destacavam no céu arroxeadado do leste. A luz dos quatro astros banhava as planícies do continente mais setentrional de Kalgash. O escritório de Kelaritan 99, o diretor do Instituto Psiquiátrico Municipal de Jonglor, tinha amplas janelas que permitiam apreciar toda a beleza da paisagem.

Sheerin 501, da Universidade de Saro, que havia chegado a Jonglor fazia algumas horas, atendendo a um chamado urgente de Kelaritan, não sabia por que não estava com melhor humor. Sheerin era uma pessoa basicamente bem-humorada, e os dias de quatro sóis costumavam deixá-lo ainda mais bem disposto. Naquele dia, porém, sentia-se inquieto e apreensivo, embora estivesse fazendo o possível para ocultar o fato. Afinal, tinha sido chamado a Jonglor como especialista em saúde mental.

- Gostaria de conversar com uma das vítimas? - perguntou Kelaritan.

O diretor do hospital psiquiátrico era um homem magro, anguloso, pálido e com o peito para dentro. Sheerin, que era corado e nada tinha de esbelto, desconfiava instintivamente de qualquer um que pesasse menos da metade do que ele. Talvez seja a aparência de Kelaritan que está me deixando nervoso, pensou Sheerin. Ele parece um esqueleto ambulante.

- Ou acha que é melhor experimentar antes, pessoalmente, o Túnel do Mistério, Dr. Sheerin?

Sheerin forçou uma risada.

- Talvez eu deva começar entrevistando uma vítima ou duas - disse para o diretor. - Assim poderia me preparar melhor para os horrores do Túnel.

Os olhos negros e redondos de Kelaritan piscaram, assustados, mas foi Cubello 54, o melífluo advogado da Exposição do Centenário de Jonglor, que falou.

- Ora, vamos, Dr. Sheerin! "Os horrores do Túnel!" Isto é um pouco de exagero, não acha? Afinal de contas, até agora, tudo que temos são notícias de jornal. E chamar os pacientes de "vítimas"...

- Quem usou esse termo foi o Dr. Kelaritan - protestou Sheerin.

- Estou certo de que o Dr. Kelaritan usou a palavra apenas no sentido mais geral. Seu uso, porém, implica uma pressuposição que considero inaceitável.

Sheerin dirigiu ao advogado um olhar que era uma mistura em partes iguais de desagrado e frieza profissional.

- Ao que me consta, a viagem no Túnel do Mistério resultou na morte de várias pessoas. Não é verdade?

- Houve várias mortes no Túnel, é certo. Mas seria prematuro afirmar que essas pessoas morreram por causa do Túnel, doutor.

- Naturalmente, o senhor gostaria muito de chegar à conclusão oposta - disse Sheerin, de cara feia.

Cubello voltou-se, indignado, para o diretor do hospital.

- Dr. Kelaritan! Se é desta forma que a investigação vai ser conduzida, quero registrar imediatamente o meu protesto. O Dr. Sheerin está aqui como um perito imparcial e não como testemunha de acusação!

Sheerin riu.

- Estava dizendo o que penso dos advogados em geral, Dr. Cubello, e não expressando minha opinião a respeito do que aconteceu no Túnel do Mistério.

- Dr. Kellaritan! - exclamou Cubello mais uma vez, enrubescendo.

- Senhores, por favor - disse Kellaritan, olhando rapidamente de Cubello para Sheerin e de Sheerin para Cubello. - Não vamos brigar, está bem? Todos nós temos o mesmo objetivo nesta investigação: descobrir o que de fato aconteceu no Túnel do Mistério, para evitar que os... hum... que os trágicos eventos se repitam

- De acordo - disse Sheerin, em tom amigável. Era perda de tempo antagonizar o advogado daquela forma. Tinha coisas mais importantes a fazer.

Sorriu para Cubello.

- Na verdade, meu interesse não é descobrir de quem é a culpa, mas evitar uma situação em que as pessoas precisem encontrar um culpado de qualquer maneira. Por que não me deixa falar com um de seus pacientes, Dr. Kellaritan? Depois, podemos discutir o que sabemos a respeito do Túnel durante o almoço. Em seguida, eu poderia entrevistar mais um ou dois pacientes...

- Almoço? - repetiu Kellaritan vagamente, como se nunca tivesse ouvido a palavra.

- Almoço, sim. A refeição do meio do dia. Um velho hábito meu, doutor. Mas isto pode esperar. Primeiro, gostaria de falar com um dos pacientes.

Kellaritan fez que sim com a cabeça. Disse para o advogado:

- Acho que podemos começar com Harrim. Hoje ele acordou bem-disposto. O suficiente, pelo menos, para ser interrogado por um estranho.

- Que tal Gistin 190? - perguntou Cubello.

- Não é má ideia, mas ela não é tão forte quanto Harrim. Vamos deixar que Harrim conte a ele a história, e depois poderá conversar com Gistin, e... oh, talvez com Chimmilit. Depois do almoço.

- Obrigado - disse Sheerin.

- Por aqui, Dr. Sheerin.

Kelaritan apontou para o corredor envidraçado que ligava o seu escritório ao hospital. Era uma passagem elevada, com uma vista de 360º do céu e das colinas verde-acinzentadas que cercavam a cidade de Jonglor. Os raios dos quatro sóis penetravam por todos os lados.

Parando por um momento, o diretor do hospital olhou para a direita e depois para a esquerda, apreciando a paisagem. As feições abatidas do homenzinho pareceram adquirir uma nova vitalidade ao serem iluminadas pelos raios quentes de Onos e os raios mais modestos de Dovim, Patru e Trey.

- Que dia esplêndido, senhores! - exclamou Kelaritan, com um entusiasmo que Sheerin achou surpreendente, vindo de uma pessoa tão austera e contida como ele parecia ser. - Que maravilha poder ver quatro sóis no céu ao mesmo tempo! Que bem me faz sentir a sua luz no meu rosto! Ah, onde estaríamos sem os nossos benditos sóis?

- É mesmo - concordou Sheerin.

Na verdade, ele próprio já estava se sentindo um pouco melhor.

A meio mundo de distância, uma das colegas de Sheerin 501 da Universidade de Saro também olhava para o céu. Porém, a única emoção que sentia era medo.

Ela era Siferra 89, do departamento de arqueologia, e há um ano e meio estava executando escavações no sítio arqueológico de Beklimot, na remota península de Sagikan.

No momento, estava rígida de terror, aguardando a catástrofe que se aproximava. O céu não lhe oferecia nenhum consolo. Naquela parte do mundo, os únicos sóis visíveis no momento eram Tano e Sitha, e o brilho frio e cruel desses astros sempre a tinham deixado triste e deprimida. Dovim podia ser visto despontando no horizonte, atrás da serra de Horkkan. A luz mortiça do pequeno sol vermelho, porém, não contribuía em nada para levantar seu ânimo.



Siferra sabia que em pouco tempo a luz quente e amarela de Onos surgiria no horizonte, o que a preocupava era algo muito mais sério do que a ausência temporária do sol principal.

Uma grande tempestade de areia estava se aproximando de Beklimot. Em poucos minutos varreria a região. Ninguém sabia o que podia acontecer. As tendas podiam ser destruídas, as caixas com os espécimes, tão cuidadosamente classificados, podiam ser viradas, e o conteúdo misturado, as câmaras, o material de desenho, os mapas stratigráficos, compilados com tanto sacrifício... tudo em que haviam trabalhado durante tanto tempo podia ser perdido em poucos momentos.

Pior. Podiam todos morrer.

Pior ainda. As próprias ruínas de Beklimot, o berço da civilização, a mais antiga cidade conhecida de Kalgash, corriam perigo. As valas de exploração que Siferra havia cavado na planície aluvial que cercava o sítio ainda estavam abertas. O vento em sua fúria, se fosse bastante forte, levantaria ainda mais areia do que estava carregando e a arremessaria com força indescritível nos frágeis restos de Beklimot, erodindo, soterrando, talvez mesmo derrubando as estruturas expostas e espalhando-as na planície ressequida.

Beklimot era um tesouro histórico que pertencia ao mundo inteiro, Siferra assumira um risco calculado ao iniciar as escavações. Era impossível fazer uma pesquisa arqueológica sem destruir alguma coisa. Era parte do jogo. Mas ser a responsável por isto e ter a má sorte de sofrer a maior tempestade de areia no último século justo no momento em que as ruínas se encontravam mais vulneráveis...

Não. Não, isso era demais. Se Beklimot fosse arrasado pela tempestade em consequência das escavações, o nome de Siferra seria lembrado para sempre com desprezo nos meios científicos.

Talvez o lugar fosse amaldiçoado, como algumas pessoas supersticiosas costumavam afirmar. Siferra 89 nunca acreditara em forças sobrenaturais. Entretanto, aquela escavação, que poderia ter sido o coroamento de sua carreira, só lhe trouxera problemas, desde o início. E agora ameaçava acabar com sua carreira... se não acabasse com sua vida.

Eilis 18, um dos assistentes, chegou correndo. Era um homem magro e franzino, que parecia insignificante diante da figura alta e atlética de Siferra.

- Prendemos no chão tudo que era possível! - exclamou, quase sem fôlego. Agora fica por conta dos deuses!

A arqueóloga franziu a testa e replicou:

- Deuses? Que deuses? Está vendo algum deus nas vizinhanças, Eilis?

- Eu só queria dizer...

- Eu sei o que você queria dizer. Esqueça.

Do outro lado chegou Thuvvik 443, o capataz. Estava com os olhos arregalados de medo.

- Moça, onde vamos nos esconder da tempestade? perguntou. - Não há abrigo!

- Já lhe disse, Thuvvik. Atrás do morro.

- Vamos ser soterrados! Vamos morrer sufocados!

- O morro vai proteger vocês, não se preocupe - disse Siferra, com uma convicção que estava longe de sentir, - Vá para lá! E leve os outros com você!

- E a senhora? Por que não vai também?

Siferra olhou para ele, preocupada. Será que ele estava pensando que ela dispunha de um esconderijo particular, onde estaria mais segura do que os operários?

- Já vou, Thuvvik. Ande! Pare de me amolar!

Do outro lado da estrada, perto da construção de tijolos em forma hexagonal que os primeiros exploradores haviam batizado de Templo dos Sóis,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

